



Nildes Alencar  
Educatória

# Nasce na voz da educadora, reflete nos olhos dos alunos e recebe aplausos cearenses

Sorriso largo e alma exposta, Nildes Alencar Lima estende os braços abertos, talhados para o abraço materno, e somos convidados a conhecer suas experiências, sua vida. Nossas perguntas são a deixa para que ela nos revele com a desenvoltura adquirida nos anos de magistério os segredos por trás dos olhos infinitamente profundos abrigados na face de menina.

Os cabelos em tons de cinza, vestígio dos longos anos vividos, são peça única a lhe revelar a melhor idade. O corpo é jovem e reflete a mente ágil. O braço, ainda firme, termina no dedo em riste, ferramenta de trabalho que emprega no ensino e no carão bem aplicado. Nildes Alencar cumpre ainda com dedicação a missão que lhe coube: educar. Se a missão foi atribuída a ela desde o berço ou se foi escolha própria, não se sabe. O mais provável é que tenha sido os dois.

Menina pobre, do interior do Ceará, deve ao incentivo do pai, ao esforço dos irmãos mais velhos e ao ensino público a formação que recebeu e a transformou no que é hoje. Para pagar a dívida adquirida fez da educação projeto de vida, permeando todas as áreas em que atuou. E foram tantas. Professora por excelência, Nildes foi também vereadora, militante, técnica, assessora e secretária de Educação. Reconhecida e respeitada, Nildes adquiriu o direito de ter a fama perpetuada quando se for.

O nome dela já está gravado na História. Símbolo de luta, presidiu no Ceará o Movimento Feminino pela Anistia, do qual participaram outras mulheres cuja coragem se compara à desta pequena. Essa pequena é grande, é uma notável. Os traços delicados disfarçam a força que ela possui. Força para lutar, para enfrentar as perdas e resistir às

dores, para construir e reconstruir os sonhos.

Mãe sem filhos, a vocação permitiu que ela os tivesse de maneira diferente. O primeiro deles lhe foi concedido pelos laços de sangue, mas a ditadura foi carrasca que lhe levou o irmão. As escolas que fundou, crias suas, nascidas e mantidas com todo o esforço, lhe foram tiradas pelas exigências do dinheiro que ela sempre preteriu ao lado humano. E ainda houve e há aqueles filhos, confiados à sala de aula desta professora, que vêm e se vão a cada ano, a cada geração de homens e mulheres bem sucedidos.

É na sala de aula que ela se realiza. Depois de tantas experiências que teve, entre boas e ruins, Nildes descobriu que não há prazer maior do que esse. Seu laboratório, onde pode por em prática o método único que tem de ensinar. Não que ela não conheça Teberosky, Piaget e Paulo Freire, ela os sabe de cor. Mas Nildes aprendeu, na prática, a identificar o momento da criança e desenvolveu, com prática, o método que a torna uma grande educadora aos olhos de todos nós.

São mais de 40 anos de magistério e ela há de ter perdido as contas da quantidade de crianças e jovens que ajudou a formar. Este é o maior legado dela. A maior herança está nos corações e nas mentes dos alunos que, de certa forma, lhe pertenceram. Os destinos desses alunos, em algum momento, foram traçados pelas mãos dessa mulher, educadora, irmã, militante, mãe, que dedicou a vida a mudar o mundo, nem que fosse um pouquinho, através da educação. E Nildes não pretende parar tão cedo, porque esta é a missão dela e a missão só acaba quando nós "fechamos os olhos".

**Equipe de Produção:**  
Ana Carolina Nogueira  
Raquel Dantas

**Texto de abertura:**  
Ana Carolina Nogueira

**Participação:**  
Amanda Sampaio  
Ana Carolina Nogueira  
André Bloc  
Raquel Dantas  
Samaisa dos Anjos  
Thaís Martins  
Thiberio Fonseca

**Fotografia:**  
Analice Diniz



Entrevista com Nildes Alencar Lima, dia 15 de junho de 2009.

**Ana Carolina** – Onde é que a senhora acha que os educadores realmente aprendem a dar aula? Onde e de que maneiras? É na faculdade, é com os livros? Como foi que a senhora aprendeu a dar aula?

**Nildes** – Pela minha experiência, eu posso tranquilamente dizer que aprendi com os alunos, na sala de aula. A teoria, a universidade, a parte sistemática vêm aprofundar esse trabalho. Mas a experiência, o cotidiano, aquele relacionamento, as dificuldades, os sucessos que a gente vai encontrando em sala de aula – isso, pelo menos na minha experiência, e de muitos professores que eu ajudei na formação, acompanhando diretamente em sala de aula –, eu percebia que eles se entusiasmavam e se descobriam como professores educadores, era na experiência na sala de aula, era com o aluno, com os meninos e as meninas. Isso, a meu ver, é um campo de aprendizado. A família, a escola, a universidade, os livros vêm como contribuidores, como elementos enriquecedores para esse grande aprendizado do trabalho da educação.

**Ana Carolina** – Nildes, a gente sabe que, ainda no colégio, a senhora dava aulas particulares para alguns alunos da vizinhança. Mas quando foi que realmente surgiu a vontade de ser professora?

**Nildes** – Quando a gente é pequena brinca muito de escola, né? A gente é professora. Mas eu não tinha muito essa convicção. Eu vim ter essa convicção, a primeiríssima, foi ao assistir a um filme: *Alma Forte*. Era um professor, já numa faixa de idade um pouquinho avançada, e ele ensinava em escolas rurais. E tinha um grupo de alunos bem diversificado com toda a variedade que tem uma sala de aula. O sonho desse professor era receber o diploma. Ele era professor leigo... Eu assisti a esse filme, eu tinha quatorze anos. Ele recebeu uma visita do Ministério da Educação e dessa visita descobriram que ele não era formado. Resolveram retirá-lo da sala de aula e daí veio uma luta. O título do filme, que era *Alma Forte*, era essa fortaleza dele lutar por um trabalho, por uma missão, uma vocação que ele tinha, e pela variedade, pelas diferenças do grupo que ele trabalhava. Uma criança roubava, a outra criança era preguiçosa... Essas diversidades que nós temos muito na sala de aula. Aquilo me encantou! Foi assim uma visão extraordinária! E eu fiquei no meu imaginário que eu seria professora e iria ensinar nas escolas do interior, nas escolas rurais. Não realizei esse plano, realizei o do magistério. Mas foi daí (*do filme*) que começou a minha certeza de querer ser professora. E, a partir de então, toda professora que eu via eu olhava o anel no dedo dela, eu sonhava chegar o meu dia de botar um anel no meu dedo e ser professora titulada mesma, como dizia. E

(*contribuiu também*) a experiência de uma irmã que eu tinha. Ela era professora. E, vez ou outra, quando ela adoecia, eu ia substituí-la. Aos dezoito anos, eu instituí aulas particulares. (*Eu era*) Menina pobre, precisava comprar um esmaltezinho pra pintar minhas unhas. Eu gostava de varrer a casa com vassoura nova. Então eu comecei a dar aula aos alunos particulares e ganhava um pouquinho de nada. E daí vem a sustentabilidade da minha vocação.

Até que chegou o curso Normal (*curso de formação de professoras primárias oferecido em escolas públicas de nível Secundário*), eu me diplomei. Foi o meu sonho. Foi uma grande realização. Até porque naquela época ser professora era um status muito grande pra família. Os pais conseguem formar uma professora, uma filha. Os rapazes não, porque só era científico (*hoje, Ensino Médio*), não tinha nenhuma terminalidade, e o magistério tinha. A gente terminava mesmo e saía com uma profissão oficializada. Então eu fiz o meu Curso Normal no Instituto de Educação (*Instituto de Educação do Ceará, destinado à formação de profissionais da área do magistério, é considerado o mais antigo estabelecimento de ensino público do Ceará*). Ao concluir o meu Curso Normal, uma das minhas irmãs me meteu para fazer concursos, e havia o concurso para os Correios e Telégrafos, e eu me inscrevi e fiz. Na parte conteudística – História, Geografia, Matemática, Português – eu passei muito bem. E ela botou que eu tinha que ser funcionária pública. E eu tinha que aprender Morse (*Sistema de sinais criado por Samuel Morse em 1935*), que era... Como chamava?

**Ana Carolina** – Era um curso específico?

**Nildes** – Era o curso específico para os Correios Telégrafos... Era para telegrafista. E eu, quando vi aquela sala imensa cheia de aparelhos de Morse, o pessoal todo se comunicando pelos telegramas – o meio de comunicação era por telégrafos sem fio, que era o Morse –, eu fiquei apavorada que fosse constituir o meu sonho ali naquela sala. Então eu decidi... Acredito que foi inconsciente, né? Eu não consegui aprender o Morse. E, quando foi no dia do exame específico, que era saber mesmo, fazer a leitura dos telegramas que vinham e passar a mensagem também, eu fui reprovada direto, redondamente reprovada. Ela (*referindo-se a irmã*) revoltou-se muito, achou que eu fiz propositado e tal, e pode ter sido inconsciente, né? Foi quando eu tomei a decisão em casa e pedi que ela não interferisse, que eu queria mesmo era ensinar. Porque aí já achava que professora ganhava pouco, essa história toda. Mas eu tive a coragem de enfrentar a minha primeira decisão. E daí fiquei no magistério.

Nildes e a família chegaram a Fortaleza no primeiro dia de 1941. Eles são de Lavras da Mangabeira, interior cearense, e viraram o ano no trem durante a viagem.

A sugestão de entrevistarmos Nildes foi de Raquel. Ela estudou no Instituto Educacional de Alencar e acabou fazendo parte da produção da entrevista.

Na hora de fazermos o primeiro contato com a entrevistada, a produção conseguiu três números diferentes de telefone, mas nenhum era o certo.

**Raquel** – A senhora comentou, durante a produção, que era de uma família humilde e seu pai sempre dizia que a educação era a única herança que poderia ficar para os filhos. A senhora acha que isso também foi uma influência para abrir os seus olhos para esse caminho da educação?

**Nildes** – Com certeza, com certeza! O fato de eu ter visto a minha irmã ensinando – ela gostava – e o meu pai incentivava muito os filhos para o estudo. Ele foi um moço rico, mas a herança não serve para quem não sabe administrar. Ele dizia que a preocupação dele era deixar para os filhos a única herança que ele tinha, que era a educação. Eu não me achava estudiosa, mas ele dizia, ele me via estudiosa. E tinha um prazer muito grande, elogiava, mostrava meus cadernos, valorizava minha inteligência e aquilo me deu mais vontade de corresponder àquela expectativa que ele tinha da minha pessoa.

Eu pensava que eu não amava o meu pai, mas eu devia amá-lo muito, porque tudo o que eu fazia era na intenção de corresponder ao que ele sonhava. E isso me deu muita força para os meus estudos. Era muito difícil a gente estar na escola pública. A escola pública era muito elitista porque só passava mesmo quem sabia. Eram poucos alunos que chegavam à escola pública. O resto era resto mesmo! Ficava do lado de fora. Não tinha a democratização do ensino. E conseguir passar no vestibular, tanto o vestibular do exame de admissão para o ginásio, como o vestibular do exame do curso especializado, o curso técnico, o Curso Normal, era assim... A equivalência era a mesma de quem faz o vestibular para Medicina hoje na universidade. Então, no primeiro exame de admissão, eu não passei e chorei muuuuito, mas muuuuito mesmo! E ele foi uma das pessoas que disse: “Minha filha, a reprovação só foi feita pra quem estuda, quem não estuda não sai reprovado. Então isso não é motivo pra você chorar. Você é uma menina estudiosa, porque todo mundo sabe do seu esforço. Não vá morrer por isso não!” Quer dizer, ele deu um incentivo muito forte na minha vida. E eu tenho certeza que a força de eu chegar até o fim, foi a credibilidade dele na minha pessoa, e nos filhos todos, mas especialmente na minha. Eu acredito que ele projetou muita coisa na minha pessoa. Porque os outros irmãos foram todos para o serviço, pra mão-de-obra. Foram trabalhar para ajudar a manter a família – a família tem bem dividida duas gerações; eu era da última geração –, eles trabalhavam para que nós pudéssemos estudar. Não era uma coisa tão simples chegar à escola. Para chegar à escola naquela época, a obrigatoriedade era

“Eu pensava que eu não amava o meu pai, mas eu devia amá-lo muito, porque tudo o que eu fazia era na intenção de corresponder ao que ele sonhava.”

Para conseguirmos o número correto do telefone de Nildes, recorremos ao padre Ermanno, que também foi entrevistado nesta edição da Entrevista.

sete anos. Era em casa mesmo que a gente aprendia. E foi isso! Ele foi um grande incentivador.

**Raquel** – E a senhora aprendeu em casa com sua mãe...

**Nildes** – ...Com minha mãe! As primeiras letras, A,B,C, era a cartilha de ABC, uma cartilha pequeninha. Tinha o alfabeto, as vogais, depois o agrupamento das sílabas, depois formava pequenas palavras. E no final tinha uma cartinha. A gente terminava lendo uma cartinha bem pequena. Então ia para o primeiro ano já iniciante, mas essa iniciação feita em casa.

**Ana Carolina** – Nildes, a sua primeira experiência como professora, professora de alfabetização, professora primária, foi no Colégio Christus (*fundado em 1951 pelo professor Roberto de Carvalho Rocha*), mas depois a senhora vai montar o Colégio João XXIII (*em 1964*) com um sócio. Qual é a herança que a senhora levou do Christus para esse colégio quando foi montar a proposta pedagógica?

**Nildes** – Eu sempre afirmo que o aprendizado do magistério está na sala de aula. Eu fui para o Colégio Christus... Nessa época não existia concurso para o Estado. Você, para lecionar, para ter uma cadeira, era ou de herança da família – sua mãe era professora, se aposentava e você ficava com a herança da cadeira – ou então tinha o político. Nós não tínhamos amizades políticas. Eu vi logo que não dava pra eu chegar à escola pública. Aquele meu sonho de ensinar no interior caiu por terra de imediato. E também vendiam a cadeira naquela época, digamos, se fosse como hoje, equivalia a vinte mil reais. E eu ainda fui atrás pra comprar uma cadeira pra mim. (r) Todo mundo comprava, eu também queria ensinar... E fui na Secretaria de Educação saber quem tinha pra vender uma cadeira. Só que não tinha mais. Não estava mais no leilão.

Então o que me aconteceu? Eu vi que não tinha como ensinar na escola pública. Até porque, além de eu ter essa vontade imensa de ser professora oficial, do Governo, eu me sentia profundamente devedora do meu saber à escola pública. Porque toda a minha preparação, a minha formação, desde o primário, até terminar... Até depois na universidade, não resta a menor dúvida, foi a escola pública, que eu fiquei sendo reprovada, insistindo na admissão porque meu pai não podia pagar escola particular. Escola particular era “pagou, passou”. Eu não queria um ensino desse tipo. Eu queria concorrer na escola pública como todas as outras (*crianças*). Como eu fui menina pobre, que usufruí, que me beneficiei muito com a escola pública, eu não pude fazer essa devolutiva. Não pude fazer porque não tinha como.

Foi quando uma amiga me convidou para ensinar no Christus, que se deu uma vaga lá na classe de alfabetização, os meninos tinham seis anos. E eu precisando mesmo, com a maior presteza, bati lá. Ela me avisou num dia, no outro de manhã eu bati lá no colégio atrás dessa vaga. Foi fácil, não foi difícil porque a coordenadora fez uma entrevista, perguntou por que eu queria ensinar, o que eu via do ensino, e eu, muito simplesmente, disse que meu sonho era ser professora. E fiquei, ingressei!

Mas não foi uma experiência boa não. Meu primeiro ano de magistério foi horrível! Por isso que eu volto a dizer: a gente aprende na sala de aula. Eu não tinha nenhuma experiência, a não ser daquelas crianças que eu dava aquelas aulinhas em casa. O preparo

do Curso Normal na parte específica para o magistério foi muito falho. Nós tivemos umas disciplinas importantíssimas que ainda hoje elas me são válidas, que foi a Anatomia, que era a parte de ciências do corpo humano. Antropogeografia, que era quase Antropologia na época. Aprendi muito. Conheci a nossa história humana, nossa evolução toda. A Biologia também foi importantíssima na minha formação profissional. Português... Psicologia foi falha, não tivemos quase nada, e a Metodologia do Ensino (*também*). Então as duas disciplinas que eram, a meu ver, as mestrizas pra sala de aula, não fui preparada. E peguei uma turminha de seis anos... Só que diziam que a criança era uma coisa, era uma doçura: "A criança é linda, maravilhosa." E eu cheguei vi uns diabinhos lá! Pareciam uns cãezinhos de rabo e de chifre. Eu nunca vi tanto menino danado na minha vida! (*risos*) "Meu Deus, como é que disseram que a criança é tão linda. E esses meninos terríveis!" E eu muito doce, porque tinha que ser doçura pros meninos. E eu na doçura, os meninos me pisotearam. Quase que eu desisti... Aliás, eu ainda cheguei a entregar o cargo, porque eu achei que ia prejudicar a escola e também por orgulho. Eu achei assim, eu muito consciente: "Antes que me ponham pra fora vou pedir demissão. Vou dizer que não estou correspondendo." E aí fizeram uma reunião avaliativa entre eles lá e acharam que a escola também não me deu aquela assistência pedagógica, não teve um coordenador, porque existia, mas eles não me deram aquela assistência e eu fiquei sozinha na sala de aula sofrendo com os meninos. Eu não sabia o que fazer. E o meu medo era que os meninos não aprendessem a ler. Resultado: eu dava aula rodando a classe inteira com uma (*menina*) que era terrível, agarrada na minha saia, e eu "tomando a lição". "Tomava a lição" carteira por carteira, o menino lendo e eu ouvindo e acompanhando. Era como eu conseguia.

Foi um fracasso meu primeiro ano de magistério. E isso foi muito, muito válido pra mim. Inclusive, a coordenadora da escola, que era uma pessoa extremamente competente e educadora de mão cheia, não me conhecia bem, e colocou na avaliação: "Aquele menina é retardada! Ela não tem muito juízo não." (*acha graça*) Porque eu era tão lesada, tão lesada, que parecia mesmo uma retardada. E foi esse o conceito que ela teve de mim. E na verdade eu nem era retardada, era cheia de boa vontade, amorosa com a turma, e preparada, não do ponto de vista das metodologias, mas pronta para acolher uma sala de aula. E aí foi que eu tive a certeza... Toda vida que chegava uma colega eu ajudava, as iniciantes. Eu comecei a fazer esse trabalho. E nesse trabalho eu fui descoberta. No terceiro ano de magistério, a escola me escolheu pra eu coordenar o grupinho de professoras. E daí comecei o meu desenvolvimento.

**Thals** – Professora Nildes, a senhora comentou mais cedo que sempre se interessou pelo ensino público, estudou no ensino público. Eu queria saber o que a senhora acha do ensino público atualmente.

**Nildes** – (*longa pausa*) Eu sou uma das pessoas que mais ama o ensino público. Porque eu sou devedora dele. E na verdade há muito desgaste, mas ainda há muita coisa boa lá dentro. Ainda tem muita gente boa lá dentro. Nas escolas públicas mesmas. Como o ensino público cresceu muito, e é pouco acompanhado, é lógico que o fracasso se generaliza.

Mas há uma grande decadência. Não é que a gente queira que se ensine aquelas coisas que a gente aprendeu na escola pública, mas é que, primeiro, a escola perdeu a sua identidade. Porque, a meu ver, a verdadeira identidade da escola é ensinar a ler e escrever. Se ela não fizer isso ela não está cumprindo com a sua tarefa específica. Há muito conteúdo específico que absorve o trabalho da professora, isso eu observei muito na sala de aula, e ela não tem tempo para fazer o trabalho específico da leitura.

Então nós dizemos assim: "Tudo que for possível você faz, é uma aula de leitura. Você pega um livro de Ciências, faz leitura com Ciências. Você pega um livro de História, também faz a História. Sobre o trânsito... Sobre as disciplinas, os conteúdos transversais." Mas são tantos, são tantos, que a professora não ensina especificamente. Porque o ensinar a ler e o escrever tem uma ciência própria. É uma ciência! É uma ciência que precisa ter um conhecimento grande das possibilidades do aluno, do potencial dele; e deste potencial que ele tem, seja o mínimo possível, a professora vai arrancando o desenvolvimento, o processo vai acontecendo e a criança vai descobrindo a sua leitura. Ela não tem tempo pra fazer isso. Porque as quatro horas de ensino não são suficientes, porque ela faz a leitura uma, duas vezes na semana. A leitura que eu quero dizer ensinada, a aula de leitura, a aula do ensino da leitura e da escrita.

O ensino hoje é um fracasso para o aluno e um fracasso para o professor. Nós somos uns fracassados! São muitos os elementos que contribuem, mas, se nós tivéssemos essa possibilidade na sala de aula, de dedicação, de um maior tempo para o ensino da leitura, a gente salvaria muita coisa. A organização do nosso ensino, a lei permite; ela é aberta. Você pode passar dois anos organizando em ciclos, trabalhando os meninos, enriquecendo, com mil situações de leitura, sem estar preocupado com outros saberes que o menino vai descobrindo aos poucos. E depois ele vai enriquecendo gradativamente os conteúdos de vida, de associações, de idéias, de tudo o que vem. Mas (*hoje*) o professor fica limitado, ele compartimentaliza demais as aulinhas. Uma hora de aula de Português, uma hora de aula de Matemática, uma hora de aula de Ciências... Então retalha tanto, que nós perdemos, também com isso, aquela característica da criança, do aluno, que ele tem, aquela visão global das coisas. E dificulta. Ele se perde também. O ensino hoje é um fracasso nesse sentido.

**Amanda** – Além da decadência do ensino público, a gente vê que o ensino privado transformou a educação num grande mercado. Eu queria saber

---

**“a verdadeira  
identidade da escola  
é ensinar a ler e  
escrever. Se ela não  
fizer isso ela não está  
cumprindo com a sua  
tarefa específica.”**

---

Na primeira visita que a equipe de produção fez à entrevistada, foram mais de três horas de conversa, só sobre educação e histórias da Escolinha.

Ao ouvir as histórias da Escolinha, Carolina não conseguia visualizar o ambiente e Raquel prometeu que faria um mapa. Até hoje Carol está esperando!

Para conhecer melhor a entrevistada, colhemos os depoimentos de algumas pessoas, entre familiares, amigos e ex-alunos.

qual a sua opinião sobre essa mercantilização da educação atualmente.

**Nildes** – É bom voltar um pouquinho. Isso é histórico. Esse desgaste, essa desmoralização da escola pública, por trás disso havia interesses empresariais. Eu disse antes que a escola particular era “pagou, passou”. O melhor referencial que se tinha era a escola pública. Hoje (*o melhor referencial*) são os melhores colégios (*particulares*). Que apresentam os outdoors aí com os alunos passando em primeiro lugar na faculdade. Mas antes era um fracasso (*a escola particular*). A escola pública democratizou o ensino no início da década de 70. Acabou com o exame de admissão, que foi uma coisa positiva, mas não se preparou para essa democratização, pra ter uma boa qualidade no acesso desses meninos. Nesse período a escola particular começou a ganhar espaços. Como? Fazendo convênios com o Estado, com o Governo, tendo condições de aluno, porque vinha aluno através do convênio, era pago, e a escola particular foi mudando o seu estilo. Com exceção das escolas católicas, que sempre tiveram autonomia, um bom ensino: os jesuítas, o Colégio da Imaculada Conceição, as Dorotéias, Nossa Senhora das Graças, Santa Isabel, Santa Cecília... A gente cita os nomes porque eu vivi toda essa história da educação, pelo menos aqui na nossa Fortaleza.

Então, essas escolas se mantiveram na linha que as escolas públicas tinham. A linha da seriedade. As escolas particulares começaram a se desenvolver. E como começaram a se desenvolver, começaram os pais a não colocarem os meninos na escola pública porque tinha bolsa, porque tinha convênio para a escola particular. Isso foi uma questão econômica e política, empresarial. E, nessa época, nós que já viamos essa problemática toda dizíamos: “Isso não vai ser bom. Porque o que está acontecendo é que eles vão matar a escola pública para poder o ensino deles aparecer”. Foi realmente... A história tá aí revelando. É muito forte o grupo empresarial das escolas particulares. É fortíssimo! É tão forte que não se consegue derrubar... Algumas leis não conseguem alcançá-los. Porque eles têm o poder lá dentro, eles têm a representatividade lá dentro. Essa foi uma das questões políticas do desgaste da escola pública. Hoje a escola particular está aí.

Agora, não acredito que este ensino da escola particular seja da qualidade que se sonhou para uma escola reflexiva, uma escola científica, uma escola que trabalhasse numa linha de ação de autonomia do aluno, que o aluno fosse o autor, o agente da sua educação. Você sabe que isso precisa de tempo pra dar oportunidade ao aluno crescer, que ele aprenda, que tenha tempo pra eles fazerem essas descobertas. É um processo que não é da noite para o dia.



O primeiro depoimento conseguido foi o de Ricardo Guilherme, jornalista e ator, que foi aluno de Nildes e também é biógrafo de frei Tito.

E a escola particular passa por cima de tudo isso e passou a fantasiar uma qualidade de ensino que, se você for somar, espremer... São bons, porque passam nos concursos... São bons por isso. Mas eu não sei até que ponto eles são tão bons quanto um aluno bem trabalhado na escola pública. Um outro aspecto que também (*prejudicou a escola pública*) foi o aspecto econômico (*Nildes passa a falar do problema do salário do professor, salientando que ele nunca ganhou bem e o governo achava que não se podia pagar bem os professores porque considerava que todo o dinheiro do estado iria para pagá-los, “o que não é verdade” – enfatiza Nildes*).

**Ana Carolina** – A senhora disse, durante a produção, que o João XXIII era o seu grande sonho. O que ele tinha, naquela época, de especial que as outras escolas não tinham?

**Nildes** – Eu vivi um pouco a Escola Novista, a Escola Nova. Aqui em Fortaleza, foi o Filgueiras Lima um dos iniciadores da Escola Nova, que era a escola que saía daquele ensino tradicional, ABC, ensinar, ensinar, ensinar... E a Escola Nova já abria todas essas experiências, já enriquecia o currículo da criança. E já considerava, ainda não muito, a criança como sujeito do seu aprendizado. O Colégio Lourenço Filho, com o Filgueiras Lima (*1909 - 1965, importante poeta e educador cearense*), um grande educador (*enfática*), e depois o Agapito dos Santos, com o professor Lauro de Oliveira Lima (*pedagogo cearense, criou o método psicogenético de ensino, no qual o professor assume a postura de orientador, ajudando o aluno a aprender*), professor Edgar, professora Luíza Teodoro, professora Eneida Campos... Eu não posso nem citar assim muitos nomes porque eu posso esquecer muitos deles, mas era uma equipe.

E essa escola trazia toda essa característica da Escola Nova. Além da Escola Nova, já uma escola, vamos dizer, “Novíssima”... Em que o aluno participava: eram trabalhos em grupo, trabalhos de equipe, trabalhos organizados, que o aluno discutia, que o aluno debatia, que o aluno tinha vez na escola... Era o Agapito dos Santos. Quando eu vou para o Colégio Christus, o Agapito estava se fechando, não sei por que condições. E esses professores estavam no Christus, que eu fui profunda admiradora deles. Mas o colégio era o colégio moderno. Você tinha condições de fazer esse trabalho, dessa Escola Nova, e tudo. Mas você como professora não pode fugir muito da filosofia do diretor da escola. Você não pode fazer livremente o que você pensa, o que você sonha. Você tem que respeitar porque aquele espaço não lhe pertence. Eu não era dona dele.

Então eu sonhava fazer uma escola pequena, que pudesse botar pra funcionar essas experiências. O João XXIII me deu essa oportunidade, que eu fui com uma equipe, fui com um grupo de professoras e lá a gente fez a escola que a gente achava que era, para a nossa visão na época, a escola sonhada. Iniciamos o João XXIII com toda aquela experiência. Inclusive estava muito em moda na época a escola de Summerhill (*escola progressista inglesa, fundada em 1921*), que era uma experiência de uma escola na Inglaterra que dava liberdade aos alunos. Não era uma escola libertária, não. Ainda era uma liberdade dirigida. Por exemplo, na Escola de Summerhill, as salas de aulas não eram seriadas (*divididas em séries: 1ª série, 2ª série...*), eram pelo que o aluno aprendia, ele

entrava nessa sala, amanhã ele estava naquela outra. A escola (era) pequena. Então, a tendência era caminhar para fazer uma experiência desse tipo.

Nós não conseguimos, mas conseguimos mudar a feição do que existia nas experiências de ensino em Fortaleza. O que era exatamente uma escola participativa, em que o menino era sujeito da sua aprendizagem, que os professores decidiam, que a gente planejava junto. O meu sonho foi fazer essa escola onde a criança tivesse uma liberdade, uma liberdade plena, mas trabalhada, refletida. Era a linha da reflexão com os meninos. E isso foi uma experiência primeira muito boa.

**Thiberio** – E quando a senhora vai ensinar na UECE (*Universidade Estadual do Ceará*), qual a diferença? O que é que muda no seu olhar quando a senhora passa a dar aula para estudantes universitários, pra quem está aprendendo e será um professor também?

**Nildes** – Olha, a minha experiência na Universidade Estadual do Ceará foi assim uma riqueza muito grande, porque a grande maioria eram alunos que vinham das escolas públicas. Eu sei bem que uma pessoa que estuda numa escola particular tem muito a dar. Mas a diferença é que as nossas raízes dizem muito também da força de vontade que dá ao profissional, ao educador, de dar a arrancada com seu povo, sabe? O aluno da escola pública tem qualquer coisa diferente do aluno da escola particular. Ele é mais democrata, ele é mais aberto, ele tem mais condições para aprender. Em termos de conteúdo, o aluno da escola particular é muito fechado. Ele tem a visão dele, do mundo dele, das condições dele. Do poder dele. E o aluno da escola pública é diferente. Eu digo porque eu tive essa experiência com eles. E, quando eu assumi a sala de aula na faculdade com os alunos da escola pública, aí era que a minha intenção era essa: de que eles sonhassem em chegar à escola pública primária – hoje fundamental –, chegassem lá para viver a experiência que eles estavam aprendendo na escola do governo. (*Neste momento Nildes faz uma análise sobre as condições de funcionamento da UECE no tempo em que era aluna, mostrando as deficiências e salientando que hoje o quadro mudou um pouco*) Eu vejo que há uma falha imensa nas universidades. No lugar de a gente estar dando aula, principalmente a Pedagogia, lá dentro da sala, nós deveríamos estar com os alunos na escola. Por que o aluno só tem que ir pra sala de aula no estágio, que é uma coisa muito superficial, em pouco tempo? Um semestre de estágio não diz nada. Então que tivesse sempre uma sistemática de cada disciplina o aluno estar na sala de aula. Tem isso aí que ajudaria muito a universidade.

**Raquel** – Apesar desse trabalho na universidade, a sua inclinação sempre foi para um trabalho nas bases, desde o início, depois no Christus, João XXIII e, posteriormente, o Instituto Educacional de Alencar (*escola fundada por Nildes em 1968, conhecida como Escolinha*). Existe algum motivo para essa preferência de ensinar para as crianças?

**Nildes** – Existe. Muito grande! É um motivo muito ligado à política e à religião. Na escola pública eu aprendi muito a ser patriota. Era ainda aquele patriotismo muito de se emocionar com o Hino Nacional, com aqueles cânticos orfeônicos, patriotas. Isso desenvolveu um patriotismo muito forte dentro de



mim. (*O conceito de*) nação, o meu povo, foi um conceito de cidadania muito grande que eu aprendi em casa. Eu recebi muito isso na escola pública, e mais em casa. E na religião, esse compromisso que eu me identifiquei muito com o resgate do ser humano. Que o homem é bom. Ele tem as suas características negativas e positivas, né? E, se ele for trabalhado, ele desenvolve o que é bom e contribui com os outros. Isso eu aprendi em casa, na escola, nas aulas bíblicas que nós tínhamos, e no movimento de Igrejas, de Ação Católica. Então essa preocupação grande mesmo de me identificar com o mais desfavorecido. De fazer o menor chegar a uma situação de ser gente, de ser pessoa, de se realizar no mundo, de ser feliz. Isso foi uma coisa assim que fez a minha mística. Que deu muito a mística ao meu trabalho. Era a questão política e a mística.

Vejam onde eu me apoiei muito (*mostra o Livro da Professora, elaborado durante o governo do coronel Virgílio Távora, em 1963, que ia contra os planos de modernização conservadora do governador. Em 1964, o livro foi censurado pela ditadura e seus elaboradores perseguidos*). Esse livro não pôde ser trabalhado nas escolas públicas... Foi a primeira experiência da escola pública pra ela caminhar, pra ela crescer, mas veio a ditadura, foi em 1964, e não permitiu a funcionalidade desse livro. O livro dizia assim para os professores: "Professora do Ceará, os filhos desta terra de luta e de sol são filhos também nossos, e para que nasçam como todo homem precisa nascer, para a contemplação e a sede da verdade, para a realização no amor, para a alegria do conhecimento (*frisa*), para a consciência da responsabilidade de ser construtor de um mundo realmente humano, está aqui um programa de trabalho."

Quando esse livro chegou às minhas mãos, eu disse: "Pronto, é com isso aqui que nós vamos traçar a nossa linha de ação no João XXIII." Ele não tinha pretensão de ser perfeito, mas pretendia estabelecer, na escola primária do Ceará, a única forma de entendimento de promoção do homem no processo educativo: o diálogo. Ora, pra haver diálogo tem que haver liberdade. Quando eu vi esse livro me encantei logo. (*O livro*) diz assim: "uma metodologia em que a criança participe do trabalho da sua educação. Onde, desde os anos mais jovens, já se lhe dê oportunidade de ver, de julgar e de agir." Ocorreu o quê? Que esse livro não foi permitido chegar às mãos, às escolas, porque a ditadura achou que isso era coisa de comunista. O livro foi (*adotado*) em janeiro de 64, e a ditadura foi em abril de 64. Então, o livro não teve vida. Empilharam e mandaram recolher tudo. Eu peguei o livro, levei pra minha escola – era particular, não era pública – e disse: "Eu vou fazer essa experiência! Eu vou salvar a experiência do Estado." Foi uma visão

As meninas da produção encontraram com Ricardo Guilherme em um barzinho aconchegante e acabaram a noite tomando cerveja e ouvindo Fhatima Santos.

A equipe de produção passou por poucas e boas. Por exemplo, o endereço de uma das pessoas que daria depoimentos não existia. "E agora, qual é a casa?!"



Coletando material para a produção na TVC, Carolina e Raquel ainda ficaram perdidas na Aldeota, elas não conseguiam achar a Av. Antônio Sales.



nesse sentido. E foi assim que eu me identifiquei. Eu acho também que você tem que pegar o ser humano no nascedouro dele. Se eu pegar já as classes de ensino médio, universitários, já aprendeu muita coisa, deformou. Pra reconstruir dá mais trabalho. Então nós vamos trabalhar é cedo. É aqui que começa, com a criança.

**André** – Essa sua experiência com a criança, com essa metodologia, começou no João XXIII. Em que ponto ela foi ampliada com o estabelecimento da Escolinha, que foi um projeto pessoal?

**Nildes** – Mais aperfeiçoado! (*sorri*) A experiência do João XXIII deu certo, estava dando certo, mas ela não chegaria a essa experiência (*da Escolinha*) porque eu era sócia e a pessoa era um empresário, era um financista. Ele não ia pelos caminhos da experiência da Escolinha. Porque era uma experiência de educação que precisava que tivesse poucos alunos. Porque você não pode massificar um trabalho dessa natureza onde vai fazer a experiência do diálogo. Tem que ser classes reduzidas, no máximo vinte e cinco alunos.

Ao sair do João XXIII, eu tive a vontade de dar continuidade ao trabalho, mas também tinha a minha sobrevivência. Porque eu fiquei sem emprego. Voltei para o Christus como secretária de escola, não com sala de aula. Mas aí eu queria dar continuidade à experiência e precisava sobreviver. E arranquei na história dessa forma. Mas a Escolinha ficou sacrificada. Como eu não podia sobreviver dela, eu tinha que me manter por fora, para manter a escola e manter o trabalho dela. Eu não tinha, como no João XXIII, a dedicação exclusiva à Escolinha. Mas isso teve a sua parte positiva. Porque o grupo que foi se construindo, a equipe mesma, assumiu a escola. Não tinha diretora, praticamente. Tinha porque os meninos: "Aí, a tia Nildes". Ficava aquele medo, aquela coisa. A tia Nildes também tinha aquela força, né? Passava aqueles cartões. Também tinha a hora do "pega" mesmo pra valer. Mas eu não pude ter a dedicação exclusiva, porque eu trabalhava. Passei a ensinar na faculdade (*UECE*) à noite, trabalhava na Secretaria de Educação do Município, e alternava, uma manhã na Escola, uma tarde na Secretaria. Aí no outro dia eu revezava. E assim eu ia fazendo todo o trabalho da Escola.

**Thais** – Essa sua experiência de educação tinha esse contato mais humanizado, mais individualizado com a criança. Mas tinha também o contato bem individualizado com os pais das crianças. Eu queria saber qual a importância do contato com os pais para a educação infantil.

**Nildes** – Primeira coisa é que nós, lá na Escolinha, tínhamos a certeza absoluta que você não ia pra canto nenhum se você não tivesse os pais com você. Até porque podia as nossas idéias não coincidirem com a

vontade deles. Cada pai tem um projeto também de educação para os seus filhos. E a escola tinha o projeto dela. Se isso não "afina", não dá, não vai mesmo pra frente. E outra coisa: para que nós fizessemos da Escola uma coisa tão íntima, tão personalizada, era preciso que os pais tivessem uma confiabilidade gra-aande. Isso foi o fundamental para o trabalho.

**Ana Carolina** – Nildes, na Escolinha a senhora recebia crianças com necessidades especiais, que era uma coisa que poucas escolas faziam na época. Mas alguns pais tinham um certo problema em permitir que os filhos estudassem com essas crianças. Qual era o argumento que eles usavam pra isso e qual era a resposta que a senhora dava?

**Nildes** – O argumento forte dos pais era medo que o ensino caísse, a qualidade do ensino, a produção dos meninos caísse, porque nós trabalhávamos muito lentamente. Nós organizávamos da seguinte forma: se os meninos têm oito anos para trabalhar, não precisa você correr. É um outro segredo pra didática. Daí o primeiro ponto: os pais acreditarem e manterem estes meninos até a terminalidade da escola, na época, a escola primária, pra poder eles chegarem e dizerem: "Pronto, os meninos realmente aprenderam!" (*bate na mesa*) Então eles garantiam o ingresso do menino e a continuidade até a oitava série, hoje a nona (*série*). Segundo ponto: têm os vários graus de diferenças nas crianças especiais, umas somente um QI baixo, um retardo de dois anos, outras situações mais críticas, um paraplégico, uma criança que precisava de um atendimento mais individualizado, que pra escrita demorava mais, o outro que era cego, o outro que era surdo... Todas essas questões que eram colocadas em sala de aula você tinha que tratar da questão do relacionamento dos meninos e da questão do tempo, que você tinha que elastecer o mais que pudesse. E isso significava o quê? Que nós íamos reduzindo os conteúdos. Os pais temiam que os meninos lá daquela outra escola estivessem além dos nossos. E realmente era assim. Qual era o nosso trabalho? Essa aproximação com os pais. Era ter o mais que pudesse reuniões, contatos, entrevistas pra eles entenderem e compreenderem que isso não prejudicava o menino. Pelo contrário, eles iriam se enriquecendo mais. Por quê? Porque o fato de a gente demorar, retendo, reduzindo e não deixando de enriquecer o conteúdo, não significava não ser o conteúdo explorado. Os meninos não teriam as perdas que os pais temiam. Aqueles que chegavam à oitava série e iam para o científico, eles davam um show, e os professores perguntavam: "De onde vocês são?" Aí eles diziam: "Da Escolinha." "Aah sim!". Os colégios já queriam receber o grupo de alunos que vinha da Escolinha. E os pais, que vieram fazendo a história com a escola, passaram a ter credibilidade de que não era que a criança não pudesse conviver com a criança especial. Quando eles (*os alunos*) iam fazendo a história e chegavam nas (*séries*) terminais, que eles assumiam "pra valer" as crianças diferentes, o próprio aluno era quem defendia o trabalho da escola.

**Raquel** – E o que a senhora sentia quando via essas crianças saindo da escola e sendo bem sucedidas?

**Nildes** – Aaah, muita vaidade! A gente se sentia, primeiro, orgulhosa, de ter tido a coragem de fazer um ensino diferente... Porque a escola era diferente por isso. Por mais que você quisesse que a gente corresse a gente não corria, só quando eles chegavam

Raquel e Carol também visitaram a Escolinha Sol no Caça e Pesca. Depois de muita espera pegaram um ônibus que elas nem tinham certeza se era o certo.

nas terminais. Então... vaidade, orgulho, né? Você saber que teve sucesso com a experiência. Não pode ter coisa melhor no mundo do que isso! E a outra questão era ver os meninos bem sucedidos onde eles estavam. E mais ainda, eles valorizando o nosso trabalho. Eles voltando à escola. Porque sempre eles voltavam... Tinha uma atividade da escola que oportunizava muito o retorno de todos eles. Era a festa do São João. Podia estar onde eles estivessem, no São João eles "batiam" na escola. Então esse relacionamento, como se a escola... Como se, não! A escola era uma parte deles e eles eram uma parte nossa. A gente não consegue nunca deixar de olhar para um aluno da Escolinha... Que parece como se fosse uma coisa nossa. Os meninos nos pertenciam, a gente achava assim (r). Era uma coisa estranha mesma. Mas era isso generalizado em todos os professores, inclusive nos funcionários. Os meninos da escola eram uma coisa sagrada pra gente, sabe? Quando a gente abria o jornal depois dos vestibulares, que olhava fulano, fulano, fulano... As melhores e mais difíceis faculdades, os meninos lá sem cursinho, passando todos muito bem nos vestibulares. Pode ter uma satisfação maior do que essa? Aí onde entra a parte científica da história. Você como técnico foi capaz de organizar um ensino e dizer que é isto aqui, que é por aqui que eles vão chegar lá. Eu gostaria muito, sonho muito, como cooperadora e supervisora, que foi uma coisa que eu sempre fui, trabalhar com o professor. Para o professor ter essa competência. É isso que está faltando nos nossos professores! E não precisa eles serem muito sabidos, não.

**Amanda** – Todo mundo que já conviveu com a senhora lhe aponta como uma grande educadora. Eu queria saber se a senhora nunca teve a intenção de teorizar o seu método de educação.

**Nildes** – Não. É interessante. Há muitos modismos, no ensino, na educação. São ondas! Veio a onda do método global. Depois veio a onda do construtivismo. E vêm ondas e mais ondas e o pessoal se afogando nelas. Então, é tão simples a prática que procuro trabalhar junto com os professores, tão simples, que se fosse teorizar... Eu penso: "O que eu iria dizer de uma prática dessa, pra formular uma teoria em cima disso?" Primeiro ponto, esse aí. Segundo ponto: eu não sou uma pessoa teórica. Adoro ler e aprofundar tudo o que tem sobre alfabetização, escola, ensino, coordenação... Vivo ali agarrada lendo. Mas aí eu pego e tiro: isso é o que vai me servir. Aí eu transformo aquilo no meu saber. Um saber que é construído. Lógico que as teorias são excelentes, mas aquele (*saber*) que vem lá da sala de aula, que a gente olha assim pro menino e eu sei o que Teberosky disse, eu sei o que foi que Piaget falou (*Ana Teberosky e Jean Piaget, teóricos da área de educação*)... Mas Piaget não está aqui nesse momento pra eu saber qual é o momento desse menino. Eu tenho a teoria, que a criança deve estar em tal fase, que ela está conseguindo isso. E eu não sei... Na verdade eu acho que é uma limitação minha, eu não sei teorizar. Não sei mesmo. Às vezes as pessoas dizem: "Por que você não escreveu?" "Por que você não escreve suas experiências? Tanta experiência que você teve". Nunca me passou me sentar pra escrever. Não, não! Agora, por que consideram que eu seja uma grande educadora? Eu me considero uma educadora. Por que o que é um educador? É o que é capaz de ver o

processo acontecer, a pessoa se construindo. Vendo que você está dando condições. Aí você percebe: "Puxa, então eu estou sendo educadora mesmo!".

**Samaisa** – Voltando ao Instituto, é pulsante o amor da senhora pela Escolinha e dá pra ver nos olhos, nos gestos. E o Instituto Educacional de Alencar tem realmente uma história muito bonita, muito interessante. Como é que se deu o fim da Escolinha? Como é que foi pra senhora esse fim?

**Nildes** – Foi horrível. Eu sempre sonhei ter tempo pra escola. Como eu disse antes, eu trabalhava para dar a oportunidade à escola se manter. Quando eu me aposentei, comecei também a ir pra sala de aula. Os quatro últimos anos eu estava na sala de aula, que era o meu sonho. Eu, professora, e o grupo de professores... uma equipe! A idéia básica mesma era essa: era uma equipe trabalhando educação. E começamos a fazer as experiências mais agressivas, tendo coragem de ir mais longe com o trabalho da escola. Foram os anos marcantes de retoque dessa experiência. Mas foi exatamente, coincidentemente, com os anos em que as escolas particulares começaram a embelezar o ambiente físico, dar condições físicas. Foi a época dos computadores. Eu reagi muito aos computadores ainda na escola. Porque eu achava que não tínhamos, ainda, condições de fazer trabalhos se o nosso trabalho ainda não estava bem sistematizado. Havia muita insegurança da nossa parte.

Havia uma rejeição também muito grande... Nisso houve uma teimosia, pode ter sido considerado falho nesse aspecto. Havia muita exigência de se colocar línguas, Inglês, na escola. "Não vou botar inglês, se quiser botar eu vou botar o tupi-guarani!" (*risos*). O tupi-guarani, que eu sempre sonhei... Porque o meu sonho era esse mesmo, colocar uma língua indígena lá dentro, pros meninos pesquisarem, verem essas coisas. Mas o Inglês? O Inglês tinha mil cursinhos que eles poderiam aprender. "Por que eu vou me ocupar e botar Inglês aqui dentro da escola?" E as mães: "Ah, porque não bota Inglês?" E eu sustentava que eles só iam ter Inglês nas terminais, porque era exigência da lei. Então isso foi mastigando um pouco perdas da escola. A escola sempre limitada, com poucos alunos. As outras escolas com muitos alunos. Eu não tinha condições financeiras para dar boas condições físicas. A escola era limpinha, ecologicamente a escola era linda. Muito arborizada. Mas as salas de aula eram muito simples. As carteiras antigas. Eu não tive condições financeiras para fazer melhorias físicas. E a

**"São ondas! Veio a onda do método global. Depois veio a onda do construtivismo. E vêm ondas e mais ondas e o pessoal se afogando nelas."**

Na Escolinha Sol, as meninas foram muito bem recebidas, não só pela diretora, mas também pelas crianças que vinham abraçá-las.

Nildes divide seu tempo entre o Projeto SOL e a Secretaria de Educação de Jucás. Ela passa metade da semana em Fortaleza e a outra metade em Jucás.

A entrevista teve de ser adiada duas vezes e foi marcada para uma noite de segunda-feira. Um dia antes da entrevista com Cid Carvalho.

nova geração que vinha chegando, não tinha aquela mística das primeiríssimas, segundas e terceiras.

Foi a época também em que houve muitas exigências, mudanças, das escolas particulares não fazerem cobranças aos alunos, e em escola particular tem muita inadimplência. É muito difícil. As escolas particulares pra se manterem é preciso elas elevarem o mais que podem, oferecerem mil situações... Elas vendem fardas, vendem caderno, vendem isso, vendem aquilo. Quer dizer, é um mundo uma escola particular hoje. E eu não tinha nada, nada disso. Só tinha o trabalho pedagógico, tão somente só. Nem uma cantina que pudesse render algum dinheiro pra escola, também não tinha.

Por outro lado, a escola tinha muito essa linha humanista e, veja bem, quem trabalha com o humano... O capital, o Capitalismo não pode conviver com o Socialismo. Um esmaga o outro. Não pode. A escola (refere-se à Escolinha) não era uma escola capitalista. E as pessoas diziam: "Você quer fazer um sistema socialista num sistema capitalista. Não pode!". Porque eu vivia das cobranças, e queria manter uma linha humanista dentro da escola, fazendo todo um trabalho de humanização e Socialista. Porque era tudo socializado, não tinha capital. A escola não tinha lucro, não tinha nada. Então não podia ir pra frente. E outra coisa: eu não tinha competência pra isso.

**Thiberio** – A senhora falou agora que se considera uma grande educadora...

**Nildes** – ...Eu me acho... Educadora! Eu não estou dizendo grande, não. O povo que diz! (risos)

**Thiberio** – Qual o grande educador que a senhora se recorda que marcou mesmo a sua educação?

**Nildes** – Educador? Apesar de eu não ter sido aluna dele, foi o Lauro de Oliveira Lima (*educador cearense, fundador do Ginásio Agapito dos Santos*). Pra mim, ainda não teve, aqui no Ceará, um educador igual ao Lauro de Oliveira Lima. Lamentavelmente o povo desconhece isso.

**Samaisa** – Nildes, a senhora atualmente trabalha no Grupo Sol (*Grupo Solidariedade, Operosidade e Liberdade, na Comunidade do Caça e Pesca, onde funciona uma escola*), que traz de volta aquela idéia de um acompanhamento mais perto dos alunos, mais perto da família... Como é que está sendo essa experiência? Até mesmo por causa da mudança de ponteiro, que antes eram alunos de uma classe média e atualmente são alunos de uma comunidade, a comunidade do Caça e Pesca (*bairro de Fortaleza próximo à praia do Futuro*).

**Nildes** – Eu digo sempre que essa escolinha – que a gente chama também Escolinha –, foi um substitutivo do Instituto Educacional de Alencar. Foi na época em que a Escolinha fechou... E, de uma certa forma, eu estou projetando lá o sentimento de amor, de identidade, com o trabalho da educação. Porque a gente trabalhar em educação é uma coisa prazerosa mesma. Você esquece o tempo, tudo. Não existe tempo pra isso. Deus me deu essa oportunidade de eu utilizar meu cérebro, meu coração, minha vontade, minha ação, minha fala. Tudo isso... Ter esse espaço pra eu trabalhar isso aí. O que eu ia ficar fazendo? Pedindo as escolas pra ensinar? Queriam mais não: "Aquele mulher já tá velha!". Porque uma velha em sala de aula... Quem é que quer? O pessoal tem um preconceito horrível com velho. Terrível, viu? Primeiro eu não me sinto velha. Parece que eu tenho ainda

os anos de início do magistério. É a mesma coisa, o mesmo sentimento. Eu não estou dizendo porque queira firmar, não, é porque eu sinto isso.

E aí eu estou lá com as meninas, com as professoras, vendo aquelas meninas jovens. E o maior prazer também que a gente tem, sabe o que é? É quando um professor se inicia, a professora se inicia, e você começa a ver a professora tomar gosto, se desenvolver, e criando situações novas, e você apoiando, analisando um trabalho que ela faz. Isso é muito bom, é muito enriquecedor. Então tem esse lado aí. O outro lado é eu ainda estar contribuindo politicamente... Não deixa de ser uma ação política. São oitenta e cinco crianças. São crianças tão lindas, tão maravilhosas, quanto uma criança que eu trabalhava lá na Escolinha, dos meninos de classe média, alta. São diferentes porque cada uma é diferente, mas são as mesmas crianças, com as mesmas graças. A inteligência, as danças, as peraltices. Tudo isso que é muito interessante a gente estar vivendo.

E a outra parte é você trabalhar com professoras da comunidade, que... Aparentemente, você diz: "Essas meninas não sabem nada não". Elas têm muitas dificuldades. Mas elas são pessoas com uma formação, com um sonho também de se realizarem como profissionais. E nós sentimos que essas meninas estão se desenvolvendo. E o outro lado mais maravilhoso, que é agora o que está me encantando mais, que é uma experiência pra mim... Trabalhei com mães, mas com elas, assim, de me aproximar... São aquelas mães e pais. Pobres, bem pobres. A gente se emociona mesmo da expectativa que eles têm com os filhos deles, com os sonhos que eles têm. Puxa vida, que maldade que a sociedade faz, não é? Eles não terem as oportunidades que nós tivemos, que outros tiveram. E a gente saber que são pessoas maravilhosas.

**Ana Carolina** – Outro trabalho que a senhora exerce hoje, que inclusive junta educação e política, é como secretária de Educação no município de Jucás (*município a 328km de Fortaleza*), no interior. Como é que se dá o trabalho com os professores, com a educação, estando desse lado do jogo? Como secretária de Educação?

**Nildes** – Como eu cheguei a esse ponto lá: antes foram três anos de assessoria e dois anos como professora para os professores (*a Prefeitura de Jucás fez um convênio com a Universidade Estadual do Ceará para oferecer cursos de formação aos professores do município*). Tivemos um relacionamento muito bom com eles. São quase duzentos ao todo. Cem foram nossos alunos. Foram cinco anos de base com os professores. Nunca esperei que esse trabalho resultasse numa escolha de chegar ao sistema com um poderzinho na mão, né? O prefeito (*Helânio Facundo – PCdoB*) queria fazer essa experiência lá em Jucás – por sinal uma experiência muito rica e eu acredito que é a primeira no Ceará –, a experiência de dar autonomia às escolas. As escolas administrarem os seus recursos e (*a Prefeitura*) implantar um sistema de transporte para todas as crianças, fazer uma nucleação, tirar as escolas dos sítios e agrupá-las num ambiente bom pra elas. Porque as escolinhas dos sítios não tinham nem sanitário, não tinham merenda escolar, não tinham o transporte. E agora o transporte traz a criança, e ela vem pra escola, ela foi nucleada, ela está num ambiente mesmo escolar, onde ela tem

Na hora de ir para a entrevista, uma parte do grupo foi de carro, mas o resto teve de ir de ônibus. Precisa dizer quem chegou primeiro?

uma continuidade, uma classe organizada. Agora a criança está dentro do seu espaço mesmo. É uma vida nova num sistema de ensino.

E, ao lado disso, nós damos continuidade ao curso que os professores fizeram. Nós estamos trabalhando os professores com a formação continuada. Paralelo a isso, há os cursos de formação continuada dos diretores pedagógicos, dos diretores administrativos, cursos com os secretários, bibliotecários... O município está todo coberto de uma ação, de cursos e de acompanhamento sistematizado. Nós montamos a Secretaria toda para se deslocar, então está lá no cotidiano da escola. Porque, enquanto os sistemas organizacionais, hierárquicos, como as secretarias, com seus técnicos, não se deslocarem e forem fazer o trabalho lá no cotidiano, lá onde a coisa está acontecendo, que é o professor e a sala de aula, não vai haver as modificações que a gente deseja.

Então nós montamos tudo isso e a escola está acompanhada, assistida, orientada, valorizada, acreditada! Porque a gente está dizendo pra elas: "Se o trabalho não está bom, vamos melhorar", e nós estamos fazendo toda essa experiência... Eu acredito que esse trabalho não vai ser em vão. Ele vai surtir efeito, viu?

**André** – No que esse trabalho atual em Jucás difere do trabalho que você fez na Secretaria de Educação do Estado (em 1988, ainda durante seu mandato como vereadora, Nildes assume o cargo de secretária de Educação do Ceará, saindo em 1989)?

**Nildes** – Em tudo! Porque no Estado eu só fiz "apagar fogo". Eu cheguei lá, tinha havido um decreto do Governador do Estado, na época era o Tasso Jereissati (atual senador pelo PSDB-CE), e os (professores) contratados perderam os seus contratos. Era mais de mil professores fora de sala de aula. Tinha havido um erro de dados e os professores foram postos pra fora. Resultou que os outros todos entraram em greve, e eu assumi a Secretaria de Educação nessa grande crise. Gradativamente nós fomos reconstruindo isso aí e passamos quase um ano inteiro montando novamente toda a organização de lotação de professor em sala de aula e a continuidade do ensino. Foi um ano e oito meses, parece.

Durante esse período, quando nós começamos a colocar o sistema, acompanhar as escolas, dentro de uma organização, eu saí da Secretaria. Questões mesmo de posições políticas. Haveria eleição para Presidente da República e eu era do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro, antes MDB, fundado em 1966), e o Governador do Estado já ia sair do PMDB e apoiar um outro candidato. Ficava

difícil pra mim, como secretária, apoiar o candidato do PMDB. Você sabe, né? Essas questões assim... Eu lamentava muito porque foi quando a gente estava no ponto de começar a funcionar de uma maneira mais correta.

Em Jucás, não. Nós estamos dando continuidade a um trabalho que já existia com a secretária anterior. E o prefeito, com toda a disponibilidade, entregou a Secretaria, entregou mesmo, está nas nossas mãos. E ele acompanha, ele dá toda uma cobertura. E nós vamos dar uma experiência completa, relacionando alfabetização à organização do ensino como um todo, valorização do magistério, valorização, sobretudo, da escola (enfática). Respeitar a escola, dar à escola a identidade que ela precisa ter. Porque escola é lugar sagrado, de respeito, e as nossas escolas não são respeitadas. Não há um trabalho para que ela seja valorizada, acompanhada, assistida, acreditada, e ela está se acabando dentro dela própria. Ela vai se auto-deformando porque todo um contexto contribui pra isso. E nós queremos mostrar e dizer que escola pública é viável, que há possibilidade, que há condições, inclusive físicas, que as escolas lá estão ficando bonitas. Porque a escola tem dinheiro, o dinheiro está na escola (bate na mesa), não tá na mão do Governo, nem do Secretário de Finança, não. Quando foi que você viu escola ter isso? Desde de janeiro, fevereiro, que a escola está autônoma (em Jucás). Lógico, ela está tendo orientações técnicas, porque se ela não administrar bem o dinheiro, a "pobre" da diretora pode até ser presa também, né? Porque dinheiro público é coisa séria, você não pode brincar com ele! Então, essa experiência de Jucás, nós queremos que ela dê certo, nós estamos com o corpo e a alma lá dentro.

**Ana Carolina** – Nildes, dos vários trabalhos que a senhora já teve, professora, diretora, técnica e secretária de educação, política, militante, qual deles lhe dá mais prazer?

**Nildes** – Sala de aula! Não tem nada que se compare a uma sala de aula, sabe? É gostoso! Ninguém é professor aqui ainda não, né?

**Todos** – Não! (risos)

**Nildes** – Ainda estão se fazendo, né? Não tem nada igual à sala de aula. É maravilhoso!

**Ana Carolina** – A senhora disse durante a produção que foi graças à Juventude Estudantil Católica, a JEC, que a senhora teve a visão da educação como uma forma de mudar o mundo. A senhora acha que essas experiências que teve como educadora conseguiram mudar o mundo de alguma forma, nem que fosse um pouquinho?



Quando a entrevista chegou ao fim, Nildes nos mostrou as fotos de família. Depois nos serviu um queijo maravilhoso feito na fazenda dela.

Depois da entrevista, uma parte do grupo ficou no supermercado próximo à casa de Nildes e conversou sobre o trabalho enquanto comia uma saborosa pizza.

Ainda tivemos a oportunidade de ouvir várias histórias sobre a Escolinha e os alunos que fizeram história na vida de Nildes. Ela lembrava de cada detalhe.

**Nildes** – Depende. Vamos ver os mundos, né? (ri) Vamos ver o mundo pessoal, o mundo familiar, o mundo da cidade, o mundo do nosso estado. Olha, primeira coisa: a Escolinha fez muitas mudanças, e o João XXIII também, porque surgiram muitas escolas pequenas depois delas. Isso é mudança, né? A credibilidade dos pais em escola pequena. Porque não tem nada melhor no mundo pra se trabalhar com a educação de uma pessoa do que uma escola pequena. Porque escola grande massifica mesmo. Quer queira, quer não, ela massifica. A primeira mudança foi essa.

Outra mudança: a Escolinha mudou do ponto de vista também ideológico. Eu vi no Estado, vi no município, vi na Universidade coisas acontecerem... Eu disse: "Isso é fruto da Escolinha." Eu vi sair da universidade grupos de alunos e grupos de professores, com a preocupação de construir livros específicos de História e Geografia do nosso Ceará. Depois de a gente reclamar, dizer que não tinha, pedir à faculdade, que o pessoal tinha competência pra fazer isso. Isso é mudança mesmo na história da educação. E na história política, sobretudo na questão política.

O João XXIII e o meu trabalho se concretizaram com este *Livro da Professora* preso pela ditadura militar. Era este livro (*o Livro da Professora*) que chamava o currículo do Estado e três livros: *Fred, Tereza e Rute; Beatriz, Davi e Lia; e Paulo e Clarissa*. Eram três livros, do primeiro ano, do segundo e do terceiro ano. Eram livros específicos, da nossa terra. Nenhuma escola pôde mais adotar esses livros e nós adotamos. Dentro da ditadura militar nós conseguimos fazer esse trabalho, sustentando um grupo de pais de esquerda. Ali também era um ninho ideológico de muita gente. Porque ideologicamente eles procuravam a Escolinha pra isso. E por conta desse trabalho me deram a credibilidade de que eu seria uma pessoa indicada para coordenar o movimento, na ditadura militar, o Movimento da Anistia, pela respeitabilidade que tinha o meu nome como educadora. E eu acredito que nós estamos hoje com essa democracia e lutando por uma República e uma democracia que está se construindo ainda, por causa da Anistia e da luta pela resistência democrática. Isso é histórico.

Eu tinha perdido um irmão (*refere-se a frei Tito de Alencar, mártir da ditadura militar no Brasil, preso em 1969, acusado de subversão*), mas tinha que ter uma pessoa que a ditadura não tivesse o que amarar, o que criticar, o que cortar. Então me pinçaram como educadora... Eu não era política, eu não levantei arma. Gostaria de ter tido essa coragem, mas não tive porque não foram meus caminhos. Mas me escolheram, me botaram pra eu presidenciar (*ela quer*

**"Eu não era política, eu não levantei arma. Gostaria de ter tido essa coragem, mas não tive porque não foram meus caminhos."**

No dia seguinte, Carolina percebeu que tinha esquecido o gravador na casa de Nildes. Só conseguiu buscá-lo dois dias depois, na quarta-feira.

*dizer estar à frente*) durante cinco anos de luta da Anistia. Por causa da respeitabilidade que eu tinha como educadora. E graças a esse movimento e a nós sabermos construir esse movimento da Anistia, enfrentando a polícia, a polícia vindo deixar em casa, parando na porta. Todo canto que a gente ia a polícia (*ia*) atrás. Não nos prendia porque havia respeitabilidade. Não tinha o que dizer de mim. Quer dizer, foi um respaldo, foi um fruto do meu nome, do trabalho, de uma respeitabilidade na cidade. Eu vou dizer uma coisa importante que deveria ter dito desde o início: eu sempre fui a pessoa que aparecia pra responder, mas era um grupo que fazia, às vezes eu nem fazia tanto, sabe? São circunstâncias que favorecem você chegar num ponto de evidência. Outras (*pessoas*) melhores que eu, na minha escola, havia. Tinha uma criatura que eu me espelhava nela constantemente, que era a (*professora*) Socorro Bezerra. Era uma criatura extraordinária! (*Com ênfase*). "Meu Deus, o povo pensa que sou eu. Mal sabe que aqui está a Socorro fazendo esse trabalho todo com aqueles meninos (*refere-se ao trabalho de educadora na Escolinha, o que terminou projetando o nome da Nildes àquela época*).

**Thiberio** – A senhora falou agora há pouco da prisão do seu irmão pela ditadura (*Nesse momento Thibério se adianta, pois Nildes ainda não havia falado sobre a prisão de Tito*). Enquanto ele estava preso você foi visitá-lo. Eu queria saber como foi essa mediação que a senhora fez entre o seu irmão e a sua família aqui no Ceará.

**Nildes** – Eu tenho a dizer primeiro pra vocês que ele tinha uma crença imensa nesse trabalho da nossa escola. Ele acreditava demais nisso! E sempre dizia assim: "Cuidado para não transformar num ativismo. Que seja um trabalho de reflexão, de linha de ação, mas vocês não transformem isso num ativismo". Quando ele foi preso, eu ia visitá-lo sempre com uma irmã. Ia eu e outra. Eu sempre fui. Só quando ele esteve banido, exilado (*Tito foi libertado em dezembro de 1970, mas não pode permanecer no Brasil. Morou no Chile, em Roma e, finalmente, na França, onde recebeu a visita de Nildes*), é que eu fui sozinha. Por ser o caçula, e por ser eu quase mãe. Quando ele nasceu eu tinha doze anos, eu cuidei muito dele, eu ajudava as leituras dele quando ele estava se alfabetizando. E as danças dele quem corrigia era eu; não era a minha mãe, era eu. Que a minha mãe já estava cansada. Ele era o décimo quinto filho.

Sempre quando eu trazia as notícias pra casa, para o meu pai, que já estava velho, a gente dava notícias rasas, superficiais. Que ele estava bem, que eram muitos dominicanos. Sempre embelezava com o valor da ordem para satisfazer um pouco a tranquilidade do meu pai. E se tinham dominicanos presos e o filho dele tava preso não era lá tão ruim, né? Eu fazia essa referência, trazia pra casa as notícias... E como o Tito conversava pouco, porque não é que ele não quisesse conversar, mas era só o horário de visita, a gente tinha pouco tempo, era só uma hora, uma hora e meia de visita. Conversava-se muito pouco, eram só as coisas: como ele estava, se tava bem. E naturalmente tinha-se medo que tivesse passando gente por ali. Eu trazia as notícias boas de como ele estava.

A pior notícia que eu trouxe foi a notícia do banimento dele, quando ele foi trocado com o embai-

xador (em 1970, Tito é um dos prisioneiros políticos trocados pelo embaixador suíço Giovanni Enrico Bucker, seqüestrado pelo comando da Vanguarda Popular Revolucionária – VPR), que ele foi embora. Me favoreceram um horário de visita extra com ele e eu trouxe as notícias, como ele tinha partido. Não vi a partida dele. Porque ele saiu de São Paulo já à noite, foi para o Rio de Janeiro e o avião saiu do Rio. Eu não o vi. E a outra pior notícia que eu trouxe foi quando eu vim da França, que ele estava em Lyon, e que eu percebi que ele não resistiria (*emocionada, ela lembra dos momentos de sensação de alucinação por que o irmão estava passando*). E quando eu trouxe a notícia pra família, que eu cheguei no aeroporto e vi toda a minha família reunida, foi um momento muito duro! Muito difícil! Porque eu tive de dizer que, a qualquer momento, nós teríamos uma notícia – eu não disse de morte –, uma notícia de acabamento da situação dele.

**Raquel** – Devido a essa sua relação quase de mãe e filho com o Tito, qual era a sensação que a senhora tinha, nesse momento, de saber da situação dele e não poder fazer nada, estando aqui, você e a sua família?

**Nildes** – Foi a pior coisa que eu tive que passar na minha vida, porque ele foi a pessoa que eu sempre procurei “avançar” as coisas que ele desejava ter. Quando menino, ele cortou o dedo uma vez... Não dizem muito assim: “Olhe, vai sair as tripas, vai morrer por aí!” (ri) A gente usa muito isso, não sei se vocês alcançaram. E ele cortou o dedo e vinha gritando com o dedo sangrando. Aí eu disse: “Ooolhe bichinho, cê vai morrer. Vai sair as tripas por aí!”. “Aaaai, Nildes!”. Aí eu tranquilizava. Pequeninho eu embalei muito (*ele*) pra dormir, nas noites. E, quando eu olhei pro meu irmão, e eu me vi limitada, sem poder satisfazer a situação de vida que ele estava, eu me senti impotente. E com toda a pureza da minha alma, eu disse pra ele: “Se necessário for, meu irmão...” – Eu não disse meu irmão, eu chamei meu filho –, “eu dava para ti salvar, pra tu saíres disso...”, – falando assim, se ele tivesse uma namorada, uma pessoa que ele se apegasse... – “se for pra ti salvar, eu dava o meu corpo...” Eu era capaz de me entregar ao meu irmão para salvá-lo, como mulher... Se fosse para salvá-lo, eu era capaz de fazer isso. Porque eu senti, naquele momento, que eu estava tão impotente, tão incapacitada... Eu não sei o que salvaria. Eu não era Deus... Eu não era Deus... Mas eu me senti naquele momento como se fosse. Como se eu pudesse dar a minha vida a ele, o meu corpo a ele, para salvá-lo daquela crise que ele se encontrava. Eu quis ficar com ele lá pra ficar acompanhando. Então ele muito consciente disse: “Não, você não fez essa opção de vida, você tem sua vida lá, tem seu mundo, suas coisas, a escola, não é justo isso. A opção de vida foi minha!”. Mas não era que fosse opção de vida que ele fez e que eu não fiz, era uma situação para salvá-lo. Pra salvar daquele estado psicológico em que ele se encontrava.

Eu me senti impotente, limitada, incapacitada, e não o alcançava. Eu não fui capaz de saber o que realmente estava se passando dentro dele. E quando dentro dele estava se passando exatamente todo aquele conflito de luta, de vida e de morte. Entre viver e morrer. Porque ele sabia que estava aniquilado. Ele sabia que era uma pessoa que foi aniquilada pelas torturas. E ele ainda lutava para sobreviver àquele

mundo de torturas que ele passou. Só que ele não foi capaz. Eles (*os torturadores*) esmagaram tanto, eles torturaram a alma do meu irmão de tal forma, que não foi possível resgatar mais. Eu não acredito que houvesse mais (*possibilidade*) de resgate da alma do Tito. Porque foi onde eles tentaram destruir... Foi o interior dele, foi o eu dele, foi a personalidade dele. E como eles mesmos disseram: eles saberiam fazer a coisa de tal forma que não deixariam marcas. Quer dizer, nenhum torturador matou o meu irmão naquele momento em que ele foi encontrado pendurado numa árvore (*Tito cometeu suicídio por enforcamento e foi encontrado em 10 de agosto de 1974 em área do Convento de Lyon, na França*). Não foi um torturador; fisicamente não foi. Mas eles estavam lá presentes. E o meu irmão obedecendo cegamente às vozes que mandavam que ele tirasse a sua vida.

**Ana Carolina** – Depois da morte do frei Tito, os dominicanos mandam cartas pra você explicando a situação do suicídio, a situação que ele estava vivendo na época, e a senhora mantém essas informações reservadas da sua família. Por que a senhora resolve manter isso, de certa forma, em segredo, e até que ponto eles sabiam?

**Nildes** – A primeira carta que eles mandaram, eles explicavam como tinha sido a morte dele (*do Tito*)... Essa primeira reserva eu fiz intencionalmente, primeiro, porque ela estava escrita em francês. A língua tem muitas características, que se não fosse um bom tradutor, podia deturpar alguma informação. Primeiro ponto foi esse. Eu aguardei um dominicano que falava francês muito bem e ele ia traduzir essa carta. Depois que a carta foi traduzida, houve incompreensão dos meus irmãos mais velhos de eu ter preservado essa carta e não ter colocado pra eles. E o segundo motivo era porque havia muitos jovens – os homens, garotos, sobrinhos, na família –, e eles, a meu ver, não tinham uma compreensão política, nem uma compreensão psicológica, emocional, para entender aquela forma da morte do Tito. Eu tinha medo que aqueles meninos jovens vissem aquilo e numa outra situação eles recorressem a uma experiência desse tipo. Eu temia isso! E eu tinha vergonha horrível de dizer que a morte dele tinha sido suicídio, e que era, pra mim, na nossa cultura religiosa, a pior possível, que é o enforcamento. Na nossa cultura religiosa e na nossa familiar também, que nunca tínhamos passado uma experiência assim desse tipo. Nenhum suicídio. Quanto mais desse tipo. Então eu preservei essa carta. Depois, quando da luta da Anistia, pra mim, ela foi um resgate muito grande da imagem da morte do meu irmão, da compreensão do tipo de morte dele, da aceitação, porque eu não aceitava. E ainda hoje, lá dentro, no fundo da minha alma, a gente tem uma repugnância.



Ao fim da entrevista, Samaisa agradeceu às meninas da produção pela oportunidade de conhecer Nildes. Ainda disse que queria colocá-la em um potinho.

Nildes é sempre simpática e nos recebeu muito bem. Ela é tão linda, pequenina e ativa que vem daí a sugestão de colocá-la em um potinho, pra preservá-la.

O gravador do Thiberio foi o salvador da pátria depois que os outros dois, um de Raquel e outro de Carol, resolveram parar de gravar a entrevista.

**Thiberio** – A senhora falou da aceitação. Como é que a luta da Anistia lhe ajudou...

**Nildes** – ...Ela me ajudou na compreensão de todo o tipo de morte que aconteceu e vendo o real motivo. Porque eu achava que tinha sido só uma falta de coragem de ele enfrentar a vida e, no entanto, ao analisar as torturas, como ele foi torturado, as seções de tortura, e de outros que tentaram e se suicidaram, pude compreender o estrago que foi feito com a vida do meu irmão. Como eles mataram o meu irmão. O meu irmão, quando fez isso, ele já estava morto de uma certa forma.

**Amanda** – Nildes, mudando de assunto. A senhora teve uma atuação política partidária como vereadora pelo MDB (Nildes foi vereadora entre os anos de 1982 e 1986 pelo Movimento Democrático Brasileiro, atual PMDB – partido de oposição ao regime militar). Eu queria saber como foi essa experiência política.

**Nildes** – Quando terminou a luta da Anistia, Maria Luiza Fontenelle (prefeita de Fortaleza entre os anos de 1986 a 1989) e eu fomos as duas mulheres que entraram na luta partidária. Nós achávamos que deveria haver uma continuidade da luta da Anistia. Porque não podia terminar aquela luta tão bonita, teria de dar continuidade a muita coisa para o povo brasileiro. Nós, povo brasileiro, que teríamos muita frente de luta. Na época, eram os Direitos Humanos, depois foi a questão da mulher. Nós constituímos o primeiro conselho da mulher. E entramos na luta partidária. Eu vi que o espaço da Câmara Municipal é muito limitado. Ele é mais legislativo e fiscalizador mesmo. E a gente confunde muito o trabalho político partidário com o trabalho da sociedade civil. Esse é que é o trabalho rico e importante – é o da sociedade civil. Quer ela esteja organizada, quer ela não esteja. Todo mundo na luta, certo?

Eu não tive espaço lá dentro, mas eu defendi bem a questão da educação. Escolas, isso e aquilo. Mas ali é um entrave tamanho, é um negócio tão difícil, tão complicado e tão mesquinho e tão restrito, que é preciso você ter muita coragem, gostar muito de dinheiro pra ficar ali dentro. Porque só vale a pena o dinheiro que você ganha. E é porque nós tínhamos um grupo bom lá dentro. Era o Juarez Leitão, era o Chico Lopes (atualmente, deputado federal pelo PCdoB-CE), era eu, era o Samuel Braga, era o Marcos Fernandes, era a dona Íria Ferrer... Mas a gente não conseguia muita

“Esse é que é trabalho rico e importante - é o da sociedade civil. Quer ele esteja organizada, quer ela não esteja. Todo mundo na luta, certo?”

Amanda e Samaisa contaram depois que se emocionaram durante a entrevista, por se identificarem muito com algumas coisas que Nildes falou.

coisa não, porque quem manda ali é uma mesa diretora, que ela conchava, ela faz tudo que quer. Ainda hoje continua assim, do mesmo jeito. Procura saber de Rosa da Fonseca (*ex-vereadora, também fez parte do Movimento Feminino pela Anistia*) se vale a pena a gente ficar presa lá dentro? Você fica presa, você fica amarrada. Você limita a sua luta política...

**Amanda** – Nildes, nós falamos de educação, sistemas políticos e também de poder ao longo da entrevista. Tem uma frase atribuída ao Ernesto Che Guevara (1928 – 1967, *revolucionário argentino*) que fala assim: “Um povo sem educação é um povo facilmente enganado”. Qual a principal contribuição política que a educação pode dar para uma transformação social?

**Nildes** – Ensinar os alunos a pensar! Isso não é dito por mim, foi dito por Paulo Freire (1921 – 1997, *teórico da área de educação*). É a escola do pensamento. Porque a leitura, ela envolve isso: a reflexão, o pensamento... Monteiro Lobato (1882 – 1948, *escritor*) diz: “Uma nação se constrói com homens e livros”, não é verdade? Os livros são pensamentos de autores, que os meninos e nós vamos ler e vamos refletir, e ter o nosso próprio pensamento. Quando eu tenho o meu pensamento, eu sou capaz de criticar, sou capaz de me colocar. Por isso que nas ditaduras, o que é a primeira coisa que eles fazem? Prendem os intelectuais, queimam os livros. Algum de vocês ouviu falar na fogueira de livros que foi tida lá na Praça do Ferreira? Nunca ouviram falar nisso?! Pois eles incineraram livros de Sociologia, de Psicologia, de Filosofia. Queimaram! Nós (*os sobreviventes da ditadura*) conservamos muitos livros, alguns deles nós enterramos no quintal, pra poder salvá-los no tempo da ditadura. Cavamos buraco no quintal... Fui comprar metros de plástico. Morrendo de medo que o homem descobrisse pra que era que eu tava comprando aquele plástico. Olha a inocência! O medo era tamanho!

**Raquel** – Nildes, nossa entrevista, infelizmente, está chegando ao fim...

**Nildes** – Oh, que pena...

**Raquel** – Então eu vou fazer a última pergunta. A sua vida sempre foi cercada de muita atividade, tanto no seu intenso e dedicado trabalho com a educação, na vida política, nos movimentos contra a ditadura, nas Diretas Já (*movimento ocorrido em 1974, reivindicando eleições diretas para presidente*), no Movimento pela Anistia, na atuação religiosa também. E mesmo depois de tanto trabalho, aos 75 anos, a senhora ainda está em plena atividade, cumprindo um papel social muito importante nos dois trabalhos que desenvolve atualmente. A senhora acha que cumpriu a sua missão?

**Nildes** – (*pausa*) Eu acho que a gente só cumpre (*a missão*) quando fecha os olhos... (*sorri*) Enquanto vida tiver tem o que se fazer, né? Há o que se fazer. A gente tem que tá o tempo todo trabalhando. Não se pode parar! Porque na hora que eu parar, vocês estão continuando. Mas o meu trabalho ninguém faz (*enfática*). Não é verdade? Eu só pararei quando fechar os olhos (*bate na mesa*). E assim mesmo... Eu não sei qual era o cantor popular que diz que ele morre, mas deixa a fama (*referindo-se a música na Cadência do Samba, de composição de Atilaf Alves e Paulo Gesta*). (*ri*) E a fama pode atrapalhar muita gente ainda. Morrendo ainda deixa a fama. E deixando a

fama ainda pode ter muitos seguidores. Não é assim? Sempre a gente tem os seguidores. Os seguidores do Cristo, os seguidores do Paulo Freire, os seguidores de Lauro de Oliveira Lima, seguidores dos pais, seguidores de um irmão mais velho. A gente sempre traz uma marca de alguém que admirou. "Puxa, eu queria ser como fulano!". Isso é importante para o ser humano. Isso faz parte da história humana.

Eu fico satisfeita e honrada, mas muito honrada mesmo, de ter sido escolhida. Eu li as revistas, li a fundo. Todas me impressionaram, mas de todas elas, a que mais me impressionou foi a daquele rapaz, daquele menino que foi preso e esteve nas Farcs (*Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, grupo guerrilheiro*). Como é o nome dele?

**Ronaldo Salgado** – Rosélio (*Raimundo Rosélio, entrevistado na edição de número 13 da Revista Entrevista*).

**Nildes** – Pronto. Aquele menino me impressionou muito... A entrevista dele. Me deu assim uma pena imensa de um rapaz que manteve um ideal e andou por caminhos muito difíceis. E se destruiu, e tá se reconstruindo de novo. Eu não sei se vocês leram a entrevista dele. É bom ler, viu? É bom ler, porque às vezes a gente tem uma expectativa linda de vida e ela é destruída.

**Raquel** – A gente agradece muito...

**Nildes** – Eu que agradeço!

**Ana Carolina** – A honra é nossa, na verdade, de receber a senhora pro nosso projeto.



Mas na hora de passar a gravação para o computador foram mais dois dias de tentativas. As tecnologias avançadas podem ser um risco à humanidade.

Os dias de edição do material sempre terminavam em um lanchinho rápido. Afinal, apesar do tempo apertado, a produção também precisa se alimentar!